

Ibmec alerta para deterioração

20 JAN 1985

ECONOMIA / POLÍTICA

ESTADÃO - SÃO PAULO

RIO
AGÊNCIA ESTADO

A economia brasileira está entrando rapidamente num processo de deterioração, com perspectivas de hiperinflação, nova recessão e mais desemprego, se não forem tomadas medidas imediatas para desmontar as bombas de retardamento criadas pela necessidade de ajuste das contas externas. O governo Figueiredo deveria começar a atacar os problemas a fim de não deixar para Tancredo Neves uma herança negativa maior, segundo afirmação feita ontem, no Rio, pelo vice-presidente do Instituto Brasileiro de Mercado de Capital (Ibmec) e professor de economia da PUC, Paulo Guedes.

Ele entende que Tancredo Neves, assumindo em março com o atual descontrole da base monetária e com a natural perda de tempo de um governo que se incia, o combate à inflação pode ficar comprometido em 1985. As possibilidades de uma hiperinflação são visíveis, e, nesse processo, será abortada a ligeira recuperação da economia, mergulhando o País novamente na recessão. Em 1986, o País terá eleições novamente e ficará mais difícil a adoção de medidas de combate à inflação e o processo político pode radicalizar-se, tanto para a esquerda, com Leonel Bri-

zo, quanto para a direita, com Paulo Salim Maluf.

Paulo Guedes comparou o comportamento da economia no último semestre com o de um organismo sob efeito de dosagem alcoólica, em que o descontrole monetário trouxe uma certa euforia, ativou o crescimento econômico e o nível do emprego, mas está entrando agora na "ressaca", com fortes taxas inflacionárias.

Segundo o professor da PUC, o ajuste das contas externas foi muito rápido, passando o Brasil de um déficit de US\$ 14,7 bilhões, em 1982, para pouco mais de US\$ 1 bilhão, em 1984. A conversão de divisas em cruzeiros e o pouco controle sobre os gastos públicos trouxeram uma expansão de base monetária de 247%, muito acima da inflação atual. O governo emitiu moeda e títulos desordenadamente, quase levando o mercado financeiro ao encilhamento. Este ano vence praticamente a metade da dívida pública interna. São quase Cr\$ 40 trilhões, que o governo Tancredo Neves terá de pagar ou rolar.

Para entregar uma economia em recuperação, Delfim Netto preferiu deixar frouxos os controles monetários. Assim, o crescimento da economia, que deveria ser de 2% em 1984, atingirá 4,5%. Entretanto, para Paulo Guedes, perdeu-se a oportunidade de lançar ba-

ses mais saudáveis para um crescimento auto-sustentado. Ele afirmou que esse crescimento só seria possível com a inflação e as taxas de juros em declínio, mesmo porque essa recuperação foi montada apenas na capacidade ociosa e não na expansão da base produtiva. Segundo o economista, a taxa de investimento fixo da economia caiu de 26% do PIB, em 1975, para 14% em 1984.

Paulo Guedes destacou que o "puxão" dado na economia no último semestre, vindo do setor exportador e pelo efeito do descontrole monetário, está perdendo sua força e o índice de 13% ou mais deste mês — sinalizando uma inflação superior a 300% anuais — começa a indentificar o perigoso período da ressaca.

O economista acha perfeitamente recuperável essa situação, desde que haja vontade política para isso e o governo Figueiredo renuncie à idéia de deixar uma economia em recuperação.

Segundo Paulo Guedes, caso não sejam desmontadas as bombas de retardamento e o Banco Central não coloque disciplina monetária com uma política definida para o open, que funcionou ultimamente no "piloto automático", o crédito pode passar a funcionar como na Argentina, onde os empréstimos são agora semanais.